

18/01/2019 - 05:00

Duas lideranças indígenas falam sobre os tempos Bolsonaro

Por Daniela Chiaretti

Duas das mais importantes lideranças indígenas do Brasil estão à beira do lago Caracaranã, em Roraima. O mais moreno é Ailton Krenak, o índio que passou pasta de jenipapo no rosto na Assembleia Nacional Constituinte em sinal de luto pelos retrocessos e fez um discurso contundente pela defesa dos direitos indígenas na Constituição. Foi há 30 anos. É figura lendária entre índios e os não índios que conhecem o episódio. O outro homem usa um cocar de penas de arara e é também um mito. Davi Kopenawa é o xamã que tece as narrativas entre natureza e o mundo dos espíritos, entre os povos da floresta e os povos da cidade, entre os yanomami e todos os outros, os "napëpë", como diz. Sua trajetória se confunde com a luta pela preservação do maior território indígena do Brasil. Os dois amigos caminham pela faixa de areia branca deste canto igualmente icônico do país, a Terra Indígena Raposa Serra do Sol. Sentam sob a sombra de um cajueiro.



Durante quase duas horas concedem uma entrevista única. Falam juntos, cada um ao seu modo, poucos dias depois de o Brasil eleger presidente Jair Bolsonaro, um homem de origem militar que, ao contrário do marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, não demonstra muito apreço pelos povos indígenas brasileiros. Na campanha eleitoral, prometeu acabar com a "indústria de demarcação de terras indígenas" e, eleito, reafirmou a promessa em palavras e atos. Ao migrar o processo de demarcação da Fundação Nacional do Índio para o Ministério da Agricultura e colocar a tarefa sob a batuta do ruralista Luiz Antônio Nabhan Garcia, o presidente indica que pretende cumprir o que disse.

Venta forte e o cheiro de caju perfuma o ambiente. Há mais de uma centena de yanomami e ye' kwana discutindo a organização, gestão e governança da Terra Indígena Yanomami, onde vivem. O curioso é que estamos a 160 km de Boa Vista, e na terra indígena de outros "parentes", como os índios chamam os índios de outras etnias.

A famosa Raposa Serra do Sol é terra de outros povos. Aqui vivem macuxi, patamona, taurepang, wapixana, ingarikó. Os yanomami moram do outro lado do mapa do Estado, a centenas de quilômetros, e muito espalhados. Escolheram reunir-se aqui porque a logística do encontro seria mais fácil. Uma das discussões é em torno do Protocolo de Consulta Prévia aos povos indígenas. Os índios devem ser consultados sempre que os governos decidam fazer algo que os afete, prevê a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) da qual o Brasil é signatário. Os yanomami e os ye' kwana querem discutir, entre outros tópicos, como gostariam de ser ouvidos.



Ailton Krenak e Davi Kopenawa se conhecem há muito tempo, desde os grandes encontros do movimento indígena nos anos 80

"Esta é nossa arma, nosso instrumento, para nos defender, o Protocolo de Consulta. Para conversar com o branco. E é pela escrita, para homem da cidade entender", diz Davi Kopenawa. O nome bíblico ele ganhou de missionários na infância. O sobrenome yanomami foi acrescido pelos espíritos vespa. Foi quando os garimpeiros começaram a invadir a floresta e a matar yanomami nos confrontos. Davi sentiu raiva diante das perdas e foi batizado Kopenawa pelos espíritos xamânicos "xapiri".

É por isso que estão todos aqui, dormindo em redes coloridas, guerreiros usando braçadeiras de penas de araras, mulheres acordando às primeiras horas para banhar-se no lago.

"Assim eu falei para eles: estamos aqui, vamos se unir", relembra Davi Kopenawa parte do que disse às outras lideranças yanomami reunidas na Raposa. "União é fazer força. Desunidos é fazer fraqueza", resume.

Às sete da manhã toca o sino chamando para o café. Come-se tapioca e cará, batata doce e macaxeira cozida, tudo vindo das comunidades da região. Tem café e muita melancia, que acaba logo porque faz um calor danado.

Davi Kopenawa convidou o amigo Ailton Alves Lacerda Krenak, 65 anos, mineiro do Vale do Rio Doce, para contar aos yanomami como os krenak fizeram seu Protocolo de Consulta. Eles se conhecem há muito tempo, desde os grandes encontros do movimento indígena nos anos 80. Ailton ajudou os yanomami na luta pela demarcação de seu território. Uma foto desse longo laço está na exposição da fotógrafa e ativista Claudia Andujar, que dedicou a vida para proteger os yanomami, "um povo indígena ameaçado de extinção", como diz o folheto do IMS, em São Paulo. Uma imagem mostra os jovens Davi e Ailton juntos a um grupo onde se vê o senador Severo Gomes, que ajudou os índios e denunciou o genocídio.

Um pássaro voa sobre as árvores, ruidoso. É o xamã quem começa a conversa.

"Eu queria saber qual é o seu pensamento", pergunta, delicado. Davi Kopenawa quer entender os rumos da entrevista, o que queremos saber. A ideia é que expliquem um pouco como vivem yanomami e krenak, que falem das ameaças que sofrem, que digam o que pensam dos brancos, como se inserem na sociedade brasileira, o que desejam para seus povos e tudo o mais que quiserem falar. Não é todo dia que é dia de índio, e esta é uma manhã especial, com duas autoridades dos mais de 300 povos indígenas que vivem no Brasil dispostos a falar.

Ailton Krenak, um intelectual que correu o mundo e leu de tudo, também estudou jornalismo e dá a dica para começar a conversa. Nesta madrugada, conta, acordou com uma falação. Depois reconheceu a voz de Davi Kopenawa que fazia um "hereamu". É uma fala cerimonial em que as lideranças yanomami - os "pata" - transmitem mensagens a toda a comunidade. É algo rotineiro que acontece na floresta, no centro da maloca coletiva que, muitas vezes, abriga todo um grupo. O krenak está curioso - o que disse Davi?

"Hoje de manhã, às 4h, eu levantei, eu queria contar um pouco do meu tempo, de quando eu era criança pequena", começa Davi Kopenawa, descrito pelo antropólogo e seu amigo Bruce Albert como um homem "de personalidade complexa e carismática, ora tenso e pensativo, ora caloroso e bem-humorado". Davi Kopenawa conta que nasceu por volta de 1956 em uma casa comunal com umas 200 pessoas em Marakana, no extremo norte do Amazonas, perto da fronteira com a Venezuela. Perdeu muitos de seu grupo de origem vitimados por doenças trazidas por funcionários do Serviço de Proteção aos Índios, o SPI, e pelos religiosos. Duas epidemias sucessivas o transformaram em um adolescente órfão e revoltado pelos lutos causados pelos brancos.

"Um dia o primeiro não indígena chegou lá, sem conversar com ninguém. Eram da Comissão do Limite, para marcar a fronteira do Brasil e Venezuela. Chegaram uns 60 homens. Vinham subindo o rio com umas canoas, pegaram nós de surpresa. As mães da gente correram para o mato, e nós crianças, também. Fiquei sentado, minha mãe me disse 'fica quieto' e botaram um cesto em cima de mim. Os guerreiros pegaram as flechas para proteger nós. Naquele tempo as lideranças não sabiam falar português, não entendiam nada", conta. "A gente vivia bem. Era todo mundo alegre. Não tinha nada, só tinha nós."





Os yanomami ajudaram os técnicos a delimitar as fronteiras, mas o contato com os brancos foi desastroso. Grupos inteiros foram dizimados por doenças ou nos confrontos com garimpeiros. Em 1970 foi criado o projeto Radam, um rastreamento por satélite que coletou dados sobre recursos minerais, solo, vegetação, uso da terra e cartografia da Amazônia. Em Roraima descobriu-se um forte potencial mineral. Depósitos de areias e cascalhos nos rios seriam indicativos de ouro e diamante. As serras ao Norte poderiam ter, além disso, cassiterita, nióbio, e muito mais.

Há quem acredite que El Dorado teria sido por aqui. Que o Caracaranã, com suas águas cristalinas a 5m do nosso cajuzeiro, seja um remanescente do lago Parima, da lenda da cidade dourada perdida na selva.

O avanço garimpeiro ocorreu em ondas. Entre 1986 e 1990 estima-se que 20% da população yanomami morreu por doenças ou violência causadas por 45 mil garimpeiros, culminando no massacre de Haximu, em 1993, em que 16 índios foram mortos. Hoje estima-se que existam 5 mil garimpeiros no território yanomami. O Exército faz ações, remove os garimpos clandestinos, mas eles sempre retornam.

"Branco sempre fala que eles são gulosos. Quer arrancar mais, quer mais árvore, quer mais terra, quer mais areia para fazer casa, quer mais petróleo e outras coisas. São 'naki' de terra. Nós não. Nós somos 'naki' de preservação da natureza", diz Davi Kopenawa, usando a palavra yanomami para fome de proteína. Seu povo, diz, é faminto de "água limpa, cachoeira bonita, cachoeira andando. Se acabar tudo, como é que nós vamos ficar? O branco quer acabar tudo. É por isso que chamo eles de povo da mercadoria."

A entrevista segue acompanhada pelo cineasta Otavio Cury, autor do documentário "Como Fotografei os Yanomami", que mostra a relação dos índios com a imagem e profissionais de saúde que trabalham com os índios. Ailton Krenak e Davi Kopenawa se deixam fotografar e Cury se despede em seguida. O antropólogo Moreno Saraiva Martins, que trabalha com yanomami há nove anos e já viveu com um grupo que habita o norte do território, ajuda a traduzir algum termo usado por Davi. Os yanomami têm seis línguas diferentes, Martins fala uma delas, o sanõma. Foi ele quem ajudou a sistematizar o conhecimento indígena sobre cogumelos comestíveis da região de Awaris, na TI Yanomami. Encontrados e manejados nas roças, são preparados cozidos em água ou embrulhados em folhas, assados na brasa e comercializados no Mercado de Pinheiros, em São Paulo, por exemplo.

A hora do almoço se aproxima. Ao meio-dia costuma tocar o sino e todos vão ao refeitório. Come-se bastante beiju com damurida ("Um caldo apimentado de peixe, muito tradicional da culinária macuxi e wapichana e uma das marcas de Roraima", explica Lucas Lima, assessor indigenista do Instituto Socioambiental. Bebe-se "vinho" de buriti e de bacaba, que são duas palmeiras, mas a bebida não é alcoólica. A cozinha é pilotada por índios wapichana da Terra Indígena Tabalascada e chefiada por Norma Pereira.

Mas ainda é cedo para almoçar. Ailton Krenak se levanta e volta minutos depois com cajuzeiros pequenos, vermelhos e muito saborosos que distribui entre nós. Davi Kopenawa está explicando que foi iniciado xamã pelo sogro Lourival, pessoa importante de seu grupo.

"Eu sou xamã. Para aprender, somos acostumados a cheirar yãkoana", diz. É um pó alucinógeno extraído da casca de uma árvore e considerado o alimento dos xapiri, os espíritos auxiliares dos xamãs. "Traz um caminho lindo para mim, cheio de luz. Luz da terra, não é luz de petróleo não. É luz da hutumosi [o céu]. Eu aprendi assim." Davi continua: "Andei vários lugares para encontrar outros povos indígenas do mundo, como nos Estados Unidos. Para ver se os parentes estão vivendo bem, se a grande autoridade da cidade está dando apoio para indígena viver bem. Será que eles dão casa boa, água limpa, lugar limpo? A floresta vive? Cheia de caça, cheia de peixe? Eu fui assim andando. Visitei, olhei, perguntei."

A conclusão de andar pelas cidades, aqui e fora, não foi muito boa. "Lá tem água contaminada, gente passando fome. Lá que começaram essa crise. Nós, o povo indígena brasileiro, ninguém criou crise. Nós criamos a riqueza da terra, da água, da alimentação. O branco não está enxergando. O dinheiro faz pensamento de doido na cabeça do branco."

Os índios falam mais de 160 línguas, não precisam de ventríloquos, de missionários, de padres. O povo indígena tem voz [Krenak]

Ailton Krenak assente com a cabeça. Os dois líderes indígenas são muito diferentes. O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro escreve que Ailton Krenak é "um dos maiores líderes políticos e intelectuais surgidos durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil, ocorrido a partir do final dos anos 1970". Está no prólogo do livro com uma série de entrevistas dadas por Krenak e que mostram o cenário indígena e a relação com a política brasileira entre 1979 e 2013, da série Encontros, da Azougue Editorial. No mesmo texto, Viveiros de Castro cita "A Queda do Céu", da Companhia das Letras, que traz as narrativas de Davi Kopenawa recolhidas e editadas ao longo de 20 anos de amizade com o antropólogo francês Bruce Albert.

Ailton Krenak é um analista de seu tempo. Quando era da União das Nações Indígenas, em 1984, tornou-se uma espécie de embaixador dos índios. Ganhou prêmios internacionais, foi presidente da Fundação Danielle Mitterrand no Brasil. Publicou livros, participou de filmes, dá palestras em universidades. Na véspera, falou aos yanomami sobre o impacto que a mineração teve sobre a vida de seu povo, desde a construção da estrada de ferro Vitória-Minas até o desastre com o rompimento da barragem da Samarco, em 2015.

"Aquela lama passa na nossa terra. Mas antes disso, a mineração já estava comendo as nossas montanhas. Eu não imaginava que aquelas montanhas, tão vivas para nós, pudessem ser desaparecidas. Nós assistimos nossas montanhas mudar de lugar. Elas saíram do lugar antigo delas para ir para cima das composições de trens, levando as montanhas para o porto", contou. "Somos abastecidos por caminhão-pipa. A Terra Indígena Krenak é hoje totalmente dependente de assistência externa. É como se estivéssemos em um campo de refugiados."

"Refugiados dentro da própria terra", completa o antropólogo Moreno Martins.

"Sim. Somos, de certa maneira, flagelados da mineração. Um novo tipo de vítimas da degradação do meio ambiente."

Tanto Ailton Krenak como Davi Kopenawa deixaram seus lugares de origem e foram viver com os brancos. Depois, voltaram para a vida com seus povos. Davi foi trabalhar num posto da Funai. Queria "virar branco". Contraiu tuberculose e, no hospital, aprendeu um pouco mais de português. Em 1976 tornou-se intérprete da Funai na abertura da Perimetral Norte, estrada com efeitos devastadores para grupos yanomami mais próximos aos canteiros de obras. Depois regressou, casou-se com a yanomami Fátima e é pai de cinco filhos. Ailton Krenak saiu cedo de Minas para outras terras e viveu vários episódios de deslocamento. É um autodidata, como se define, um refinado tradutor do pensamento indígena para o mundo dos "napëpë".



Krenak é um analista de seu tempo; Kopenawa, o xamã que tece as narrativas entre natureza e o mundo dos espíritos, entre os povos da floresta e os da cidade

"Ouvindo esse pensamento do Davi sobre a riqueza natural que a floresta oferece, me ocorreu que talvez uma saída para atravessar esse tempo de contradição fosse reconhecer que o mundo todo está investindo financeiramente na conservação da biodiversidade. O povo indígena sabe fazer isso", diz Ailton Krenak. "A tecnologia que o povo indígena tem para fazer isso é o seu modo de vida. Talvez uma boa proposta para os brancos fosse avaliar os serviços de conservação que esses povos fazem espontaneamente, sem que seja preciso comprar aquele aparato todo", segue Krenak. "É simplesmente respeitar o modo de vida deles."

É verdade que agora há uma tensão no ar. Os yanomami, particularmente, parecem estar na mira do presidente Bolsonaro e de membros de seu governo. É a maior terra indígena em extensão territorial do país, com 9.664.975 hectares espalhados entre Roraima e o Amazonas, declarada em decreto presidencial em maio de 1992, no governo de Fernando Collor de Mello. A T.I. Yanomami é superlativa por vários ângulos - é a maior terra indígena do mundo, maior até do que Portugal. Neste pedaço de floresta tropical vivem 25 mil indígenas em 333 comunidades e há dezenas de milhares de yanomami na Venezuela. "A reserva yanomami é duas vezes maior que o Estado do Rio de Janeiro", costuma repetir o presidente Bolsonaro.

Ele tem razão na matemática. O que não se diz é que os índios podem desfrutar das riquezas do solo, dos rios, dos lagos e da floresta que estão ali, em regime de usufruto permanente, mas - e o detalhe a seguir é importante -, as terras são da União. A Constituição reconhece que os índios foram os primeiros ocupantes do país e têm direito à posse de seus territórios, mas não podem vender as terras. O subsolo é da União. Arrendar é inconstitucional. "Na Constituinte as terras indígenas eram defendidas exatamente usando-se o argumento de que seriam terras do Estado, na fronteira", explica Lucas Lima, do Instituto Socioambiental, o ISA, organização que há 25 anos trabalha com direitos de povos indígenas e povos da floresta.

No dia anterior, Dário Vitório Kopenawa Yanomami, o mais velho dos filhos de Davi, perguntou ao parente krenak o que pensava sobre Bolsonaro e as ameaças aos povos indígenas. "A onça não é tão grande assim", respondeu Ailton que, em outubro, ao participar de um festival de cinema em Portugal, deu uma entrevista e respondeu assim a uma pergunta na mesma linha. "Somos índios, resistimos há 500 anos. Fico preocupado é se os brancos vão resistir."

"Essa coisa de botar o Meio Ambiente na Agricultura é de um mau gosto e uma provocação com toda a cooperação internacional. Desde que o chanceler Helmut Kohl, na conferência do Rio de 1992 disse que os países desenvolvidos deveriam contribuir para a conservação das florestas, o Brasil é beneficiário de dinheiro do exterior. Tudo isso o Brasil vai perder, essa escala de recursos", teme. "A Europa não vai continuar comprando soja envenenada do Brasil se o país destruir florestas. Este é um governo do prejuízo, é como se fosse o governo do erro. Parece que está se autossabotando."

Ailton Krenak só demonstra irritação quando se lembra das declarações do governo sobre o que os índios querem. "Eles querem fazer papel de ventríloquo. Os índios falam mais de 160 línguas diferentes, não precisam de ventríloquos, de missionários, de padres. O povo indígena tem voz."

A jornalista viajou à Raposa Serra do Sol a convite da Hutukara Associação Yanomami (HAY) e do Instituto Socioambiental (ISA)

Nota Redação: na versão impressa, este texto foi publicado com o título Sob a sombra de um cajueiro